



Crônica da Cidade

SEVERINO FRANCISCO | severinofrancisco.dfg@dabr.com.br

Jorge Ferreira

Nas paredes do Feitiço das Artes, antigo Feitiço Mineiro (na 306 Norte Comercial), estavam estampadas fotos de Baden Powell, Guinga, João Bosco, Beto Guedes, Fernando Brant, Lô Borges, Tavinho Moura, Wagner Tiso. Todos eles passaram por lá e fizeram shows memoráveis. Alguns foram e voltaram muitas vezes. O restaurante e bar foi também uma casa dos músicos brasileiros. Ao longo de mais de 30 anos, abrigou shows de Clodo Ferreira, Renato Matos, Paulo André, Ian Couto, entre outros.

Em 2021, o Feitiço encerrou as atividades. Foi muito triste, mas não havia muito o que fazer. A cultura é essencial para a vida de uma cidade, no entanto, se tornou vulnerável no mundo alucinado dos negócios. O Feitiço foi ocupado por uma farmácia.

Quem insuflou alma ao Feitiço foi Jorge Ferreira, mineiro de Cruzília, sociólogo, professor, poeta e animador cultural. Em 1989, ele criou um restaurante que aliava tudo que gostaria de ter em uma casa que frequentasse: comida simples saborosa, música, ambiente agradável e bom atendimento. Parecia vagamente uma casa de fazenda de Minas Gerais, mas com comodidade.

O Feitiço se destacou pelo bufê esmerado da tradicional culinária mineira, mas

também ficou famoso por ser um dos endereços da boa música em Brasília. Com o carisma e o entusiasmo, Jorge conquistava a todos. O pessoal do Clube da Esquina ficou enredado pelo Feitiço. Só Milton Nascimento não passou por lá.

Jorge nos deixou em 2013, no entanto, o legado dele permaneceu vivo por algum tempo. Conversei poucas vezes com Jorge Ferreira, mas esses raros encontros foram suficientes para me passar a impressão de que ele era um mineiro diferente da imagem ou do estereótipo consagrado aos que nasceram naquelas paragens; era um mineiro solar, autoconfiante e atrevido, ameaçando atropelar tudo com o seu entusiasmo. E, de fato, não é por acaso que chegou a constituir uma rede de 12 bares na cidade.

De um desses encontros, garimpei uma história reveladora. Jorge estava promovendo um show no Feitiço Mineiro com um grupo, quando apareceu o pernambucano Naná Vasconcelos. E, como vocês sabem, músico é parecido com jogador de futebol, não pode ver um racha e fica logo com vontade de entrar e bater uma bolinha.

Ao escutar o som do Roupá Nova, baixou no pernambucano uma irresistível vontade de batucar. E como recusar o pedido? Naná havia sido eleito oito vezes pela prestigiosa revista americana *Down beat* o melhor percussionista do mundo. Morou nos Estados Unidos durante 27 anos e tocou com febras do jazz: Miles Davis, Pat Metheny, Evelyn Glennie e Jan Garbarek. De 1978

a 1982, formou o grupo Jazz Codona, com Don Cherry e Collin Walcott. Ganhou oito prêmios Grammy.

Naná arrancou um batuque sensacional das painéis, mas reprovou a sensibilidade musical delas. O que obrigou Jorge a pedir um empréstimo, pegar um avião para São Paulo e comprar painéis afinados para o caso de aparecer um grande baterista no bar. Jorge nos deixou em 2013; nos deixou um legado e uma lacuna. Pois bem, a maior prova disso são os versos do poeta Climério Ferreira para homenagear Jorge Ferreira, que destilam lirismo e humor: “De tanto embriagar os poetas/ Ele ficou embriagado pela poesia/ E se tornou ele próprio um poeta/ Queria tanto voltar pra Minas/ Que errou o caminho e foi para o céu”.

MEIO AMBIENTE/ Ao entrar no período mais crítico da temporada de incêndios, a combinação entre baixa umidade do ar, vegetação seca e temperaturas elevadas aumenta o risco de fogo em áreas urbanas e rurais

DF reforça ações contra queimadas

» VITÓRIA TORRES
» BEATRIZ MASCARENHAS

Com a intensificação da seca, o Distrito Federal entra no período de maior risco para incêndios florestais. Levantamento obtido pelo **Correio** junto ao CBMDF mostra que, apenas nos primeiros seis dias de julho, foram registradas 164 ocorrências de queimadas, elevando para 1.775 o total de casos em 2026. Enquanto agosto e setembro se aproximam, meses historicamente mais críticos de estiagem, bombeiros e órgãos ambientais reforçam as ações de prevenção e combate para evitar desastres.

Em 2024, o DF contabilizou 8.545 incêndios em vegetação, com os maiores índices em agosto, quando foram registrados 2.065 casos, e setembro, que fechou com 2.851 ocorrências. Já em 2025, houve redução para 6.488 registros, cerca de 24% a menos. Ainda assim, agosto (1.826) e setembro (1.361) permaneceram como os meses mais críticos.

Para enfrentar esse período, o CBMDF mantém, entre abril e novembro, a Operação Verde Vivo, que intensifica os esforços operacionais entre maio e outubro, durante toda a estiagem. Apesar de o número ainda estar distante dos registros dos anos anteriores, o capitão Jean Charles, do CBMDF, destaca que o planejamento começa meses antes da chegada da seca.

“Todos os anos, desde 1999, é desenvolvida a Operação Verde Vivo, para prevenção junto com moradores de chácaras e áreas rurais sobre como proceder em princípios de incêndio e como evitá-los. Parte do nosso efetivo fica exclusivo para trabalhar nessa operação. Existe também a preparação

na capacitação dos nossos militares em abril. Queimadas no Brasil são proibidas, a não ser que sejam queimas prescritas com autorização”, explica.

Dependendo da fase da operação, até mil bombeiros podem atuar exclusivamente no combate aos incêndios florestais. A estrutura inclui 35 viaturas especializadas, dois aviões Air Tractor, helicóptero, drones, monitoramento por satélite e câmeras instaladas na Torre Digital.

As regiões que tradicionalmente registram maior número de ocorrências são Gama, Samambaia, Brazlândia, Santa Maria, Planaltina e São Sebastião, devido à grande extensão de vegetação, à proximidade com unidades de conservação e à intensa circulação de pessoas durante a seca. Para reduzir o tempo de resposta, a Operação Verde Vivo mantém postos nessas localidades.

Prevenção

Além do combate direto aos incêndios, uma das principais estratégias adotadas pelos órgãos ambientais é impedir que o fogo encontre combustível para se espalhar.

Ontem, equipes do Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio) realizaram na Floresta Nacional de Brasília a técnica do aceiro, que consiste na abertura de faixas sem vegetação que funcionam como barreiras naturais, dificultando o avanço das chamas.

Segundo o ICMBio, esses corredores podem ser construídos manualmente, com máquinas ou até mesmo por meio de queimadas controladas, retirando previamente a vegetação de áreas planejadas.

Outra medida adotada é a chamada queima prescrita, realizada

Marcelo Ferreira/CB/D.A.Press



Aceiro é feito na mata da Floresta Nacional para combater futuros incêndios

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Para Marcos da Cunha, a maioria dos incêndios tem origem humana

desde março e intensificada em maio. A técnica consiste na aplicação controlada do fogo, sob

condições climáticas favoráveis e com planejamento técnico, para reduzir o excesso de material

vegetal seco, diminuindo a intensidade de futuros incêndios. A prática também ajuda a criar rotas de fuga para a fauna silvestre durante eventuais queimadas.

O superintendente de Unidades de Conservação, Biodiversidade e Água do Instituto Brasília Ambiental (Ibram), Marcos João da Cunha, afirma que o trabalho preventivo é essencial para reduzir os danos durante a estiagem.

“Este ano, implementamos as nossas queimas prescritas, que são feitas em áreas que já têm um histórico de queimadas. Vamos antes do período da seca, queimamos essa área e fazemos uma limpeza para ter menos material combustível e menos incêndio florestal. Começamos em maio, ainda no período de chuva, a fazer essa prevenção nas unidades de conservação”, afirma.

A reportagem do **Correio** esteve na Floresta Distrital dos Pinheiros, no Paranoá, onde um incêndio atingiu parte da vegetação no último sábado. Segundo o Ibram, após a retirada de pinheiros da área, galhos e restos vegetais permaneceram no local. O material acabou incendiado, permitindo que as chamas se espalhassem rapidamente.

Para Marcos João da Cunha, boa parte dos incêndios registrados no DF tem origem humana. “Geralmente, é incêndio criminoso. Por isso, fazemos todo esse trabalho anterior de prevenção. São 84 unidades de conservação que são cuidadas. Com a seca e o calor, o fogo é intensificado. Então, a recomendação é não queimar lixo, absolutamente nada, pois pode se transformar em um transtorno”.

O especialista acrescenta que, a partir deste mês, as brigadas ambientais permanecem em prontidão permanente para responder rapidamente aos focos de incêndio.

Crime

Além dos prejuízos ambientais, provocar queimadas pode resultar em responsabilização criminal. A Polícia Civil do Distrito Federal (PCDF) lembra que provocar incêndio em floresta ou em qualquer outra forma de vegetação é crime, conforme prevê o artigo 41 da Lei nº 9.605/1998, a Lei de Crimes Ambientais.

A legislação estabelece pena de reclusão de dois a quatro anos, além de multa, para quem provocar incêndios de forma dolosa. Se o crime ocorrer por culpa, a pena é de detenção de seis meses a um ano, também com aplicação de multa.

RELIGIÃO

Música sacra reúne fiéis em aula magna

» PAULO GONTIJO
» CARLOS SILVA

A música sacra atravessou séculos de história para ecoar, na noite de ontem, no Santuário Dom Bosco. Em uma aula magna marcada pela solenidade e pela emoção, o maestro brasileiro Monsenhor Marcos Pavan, diretor da histórica Cappella Musicale Pontificia “Sistina”, apresentou ao público a tradição musical da Igreja Católica e a importância do canto litúrgico. Hoje, às 17h, o coro participará da Santa Missa na Catedral de Brasília e, após a celebração, realizará uma apresentação especial ao público.

O encontro desta quarta-feira reuniu religiosos, músicos, estudantes e admiradores da música coral. A Cappella Musicale Pontificia “Sistina”, responsável pela música das principais celebrações do Vaticano, é considerada uma das instituições corais mais antigas em atividade no mundo.

Para o arcebispo de Brasília, Dom Paulo César Costa, a presença do coro representa um momen-

to especial para a capital. “É o coral da Capela do papa, com o maestro Marcos Pavan, que veio ao Brasil e passou por cidades como São Paulo e Curitiba antes de chegar a Brasília. É um momento especial para todas essas cidades que estão recebendo o coro e o maestro”, afirmou.

Segundo Dom Paulo, a apresentação aproxima os fiéis de uma tradição histórica da Igreja. “É o coro do Vaticano, um coro tradicional, talvez o mais antigo do mundo, que canta nas principais cerimônias do papa. É um momento bonito para quem é amante da música, da boa música e da cultura”, disse.

O arcebispo destacou a relação entre Igreja e cultura. “A Igreja sempre foi promotora da cultura. Durante muitos períodos da história, os papas foram grandes mecenas, aqueles que protegiam os artistas. A nossa missão também é promover a cultura, e é isso que estamos fazendo aqui com essa aula e com o maestro Marcos Pavan”, afirmou.

Durante a aula, Monsenhor Marcos Pavan explicou que a tradição musical da Capela Sistina vai

Minervino Júnior/CB/D.A.Press



Aula magna na igreja Dom Bosco contou com a presença do Cardeal Dom Paulo César Costa

além das apresentações religiosas. Segundo ele, trata-se de um patrimônio vivo, construído por gerações de músicos que preservaram técnicas e conhecimentos transmitidos ao longo dos séculos.

Nascido em São Paulo, Pavan se tornou, em 2020, o primeiro maestro não italiano a assumir a direção musical da Cappella Sistina em cerca de seis séculos.

Para Dom Paulo, a música pos-

sui papel fundamental na experiência de fé. “A música faz parte da liturgia. Ela tem a capacidade de levar o nosso pensamento a Deus, de nos fazer transcender. A boa música eleva, ajuda a rezar e

ajuda a participar melhor da celebração”, explicou.

O funcionário público da área de educação Fabiano Silva, 38 anos, participou do encontro e destacou a importância da música sacra. “Eu sempre tive uma ligação muito forte com a Igreja e com a música. Para mim, a música sacra ajuda a gente a se conectar mais profundamente com Deus durante as celebrações”, afirmou.

Segundo ele, os cantos religiosos também são uma forma de oração. “Muitas vezes uma melodia, um canto ou uma letra conseguem tocar o coração de uma maneira que as palavras sozinhas não conseguem. Dentro da Igreja, ela ajuda a criar um ambiente de reflexão e aproximação com Deus”, disse.

O encontro também resgatou momentos da história da instituição, desde suas origens nos séculos VI e VII até a influência na música renascentista. Obras de compositores como Giovanni Pierluigi da Palestrina e Gregorio Allegri ajudaram a consolidar um repertório que permanece presente nos principais coros do mundo.

Ao final, Fabiano afirmou que pretende levar o aprendizado para sua comunidade. “Quero aprender sobre a história, a tradição e ajudar outras pessoas a perceberem a beleza que existe na música sacra”, concluiu.